

O que celebrar com a COP-30 e o que lamentar com o momento global

A conferência já é um sucesso antes mesmo de começar, mas é inevitável que seja também uma decepção: gastamos o orçamento de carbono, e os EUA elegeram um negacionista climático

Por Salo Coslovsky

Salo Coslovsky é professor na Universidade de Nova York e pesquisador do Projeto Amazônia 2030



Negociações Pré-COP30 / Wilton Júnior

A COP30 já é um sucesso antes mesmo dos negociadores e ativistas convergirem em Belém. Digo isso pois as vitórias, por menores que pareçam, são palpáveis e merecem celebração. Belém, uma das cidades mais atraentes do Brasil, ganha melhor infraestrutura e novos equipamentos públicos e privados. Ganha também merecida visibilidade no país e no mundo. A sociedade civil se fortalece, com mais grupos formais e informais, mais espaços de discussão e, graças a eles, novas conexões entre pessoas. Esse capital social cria fundação importante para construções atuais e futuras. A definição de uma data para o evento funciona como catalisador, fazendo com que iniciativas, investimentos e publicações preparados a fogo baixo saiam do forno. Por fim, o público brasileiro está mais bem informado e engajado com o tema, conhece melhor os problemas,

as tentativas de solução e as possibilidades de avanço.

Ainda assim, é inevitável que a COP30 seja também uma decepção. O momento global é desfavorável. Já gastamos praticamente todo o orçamento de carbono disponível e precisaríamos zerar as emissões em dois anos para manter a temperatura média do planeta dentro do limite de 1,5 °C. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos elegeram um negacionista climático e se retiraram do Acordo de Paris. Na União Europeia, a maioria dos líderes ainda acredita que devemos agir, mas estão cada vez mais preocupados com crescimento econômico e a defesa de suas fronteiras.

Outro agravante é que as negociações anuais da Convenção da ONU sobre o Clima não têm a mesma dinâmica de um cessar-fogo ou um tratado de livre-comércio, onde as deliberações culminam com uma assinatura cheia de pompa e criam consequências práticas imediatas. Pelo contrário, foram desenhadas para serem um processo mais arrastado, onde as conquistas se alongam pelo tempo.

Seria uma boa surpresa se a China aproveitasse esse aparente vácuo de ambição para assumir posição de liderança. De fato, o governo chinês está cada vez mais preocupado com o tema e buscando formas de se posicionar para um futuro que vai premiar quem for mais verde. Na prática, porém, ameniza essa ambição com enorme cautela, sentindo as pedras conforme cruza o rio.

Dada a reticência por parte dos governos, minha expectativa é que brilharão os esforços liderados pela iniciativa privada. Nem todos os anúncios terão lastro real, então vou ficar atento a iniciativas que não só sejam comercialmente viáveis, como também busquem aprimorar a ação dos governos ou aperfeiçoar o ambiente onde as empresas atuam. Esses bens públicos, pouco tangíveis, são cumulativos e podem fazer grande diferença.

Fonte: <https://www.estadao.com.br/economia/salo-coslovsky/o-que-celebrar-com-a-cop-30-e-o-que-lamentar-com-o-momento-global/>